

ARTIGO

DOS MAPEAMENTOS ACADÊMICOS ÀS HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

CRISTIANO NICOLINI

Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás. Docente da Faculdade de História, do PPGH e do ProfHistória UFG. Email: cristianonicolini@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2033-2910>

RESUMO: O artigo apresenta uma reflexão que articula um mapeamento sobre produções que situam e analisam a formação e desenvolvimento do campo do ensino de História no Brasil, a partir dos anos 1980, e um projeto desenvolvido pela Associação Brasileira em Ensino de História (ABEH), em parceria com o Museu da Pessoa e o Laboratório de História Oral da Univille, o qual iniciou no ano de 2020. A partir dessa proposta, identifica as potencialidades da interface entre História e Educação, evidenciando a potencialidade das pesquisas sobre histórias de vida e memórias para a compreensão desses processos. Os aportes teóricos sobre memória e história oral fundamentam a discussão, cujos referenciais permitem pensar as relações entre as trajetórias de vida, o ensino de História e a Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; histórias de vida; memórias; ensino de História.

FROM ACADEMIC MAPPINGS TO THE LIVE STORIES AND MEMORIES OF HISTORY TEACHERS IN BRAZIL

ABSTRACT: The article presents a reflection that articulates a mapping of productions that situate and analyze the formation and development of the field of History teaching in Brazil, from the 1980s onwards, and a project developed by the Brazilian Association for History Teaching (ABEH), in partnership with the Museu da Pessoa and the Univille Oral History Laboratory, which began in 2020. Based on this proposal, it identifies the potential of the interface between History and Education, highlighting the potential of research on life stories and memories for understanding these processes. The theoretical contributions on memory and oral history are fundamental to the discussion, whose references allow us to think about the relationships between life trajectories, the teaching of History and Education.

KEYWORDS: Education; life stories; memories; teaching History.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v83p101-124>

Recebido em: 30/03/2025

Aprovado em: 13/05/2025



Os campos da História e da Educação elaboram, com frequência, mapeamentos para identificar os percursos através dos quais se constituem ao longo do tempo (Ciampi, 2007; Coelho e Bichara, 2019; Gonçalves e Pacievitch, 2021; Miranda, 2019). Tais esforços são importantes para situar novos e antigos pesquisadores que dão continuidade aos trabalhos que os pares vêm realizando desde o passado. Porém, são tarefas que também provocam rupturas e redirecionamentos, ampliando os sentidos destes campos no conjunto que constitui o pensamento histórico científico. Nesse processo, é possível identificar, no Brasil, um encontro entre a História e a Educação na constituição do hoje reconhecido campo do Ensino de História. A partir de enfrentamentos de múltiplas ordens, seja na escola, na universidade, nas associações científicas e outras frentes a serem investigadas, pensadoras e pensadores posicionaram-se historicamente para conquistar esse espaço no cenário nacional e internacional.

O presente texto retoma alguns destes mapeamentos realizados acerca do campo do Ensino de História (aqui entendido como um encontro entre História e Educação), por diferentes pesquisadoras e pesquisadores do Brasil, nos anos de 2007, 2017, 2019, 2021 e 2022. Em seguida, busca articular esse percurso ao surgimento da *Associação Nacional dos Pesquisadores em Ensino de História* (ABEH), evidenciando a importância que essa coletividade assumiu no respectivo campo científico. Por fim, apresenta-se uma proposta de investigação interinstitucional em andamento, cujo objetivo é organizar um acervo de histórias de vida e memórias de pesquisadoras e pesquisadores do Ensino de História no país, desde a década de 1980 até o tempo presente. O projeto nos provoca a pensar as possibilidades para além dos mapeamentos até então realizados, visando entender os sujeitos a partir de outras perspectivas e metodologias. A análise se dá em diálogo com referenciais acerca das relações entre história, memória e História Oral (Bosi, 2003; Nora, 1993; Portelli, 1996; Sarlo, 2007).

Por fim, o artigo busca inserir esses mapeamentos e a mencionada pesquisa nas discussões acerca da potencialidade do pensamento histórico e historiográfico para o enfrentamento aos múltiplos ataques recentes à Educação. A História enquanto ciência tem muito a contribuir para essa resistência às tentativas de deslegitimação do papel das instituições educacionais pela iniciativa neoliberal. Pensadoras e pensadores do ensino de

História, especificamente, vêm construindo um campo desde os anos 1980 para que a produção historiográfica não se limite ao espaço acadêmico ou de pesquisa. A intenção desses sujeitos foi sempre a de democratizar o acesso ao conhecimento acerca do passado, mas sem perder de vista as inquietações do tempo presente, a partir das quais os estudantes de diferentes níveis e contextos de formação elaboram as suas perguntas. História e Educação, nesse sentido, se entrelaçam nas narrativas dos entrevistados e das entrevistadas, as quais são a fonte de análise desse texto.

Mapeando o campo

Durante o XXIV Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (ANPUH), realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2007), a historiadora Helenice Ciampi destacou que o ensino de História vinha buscando legitimidade e afirmação no cenário historiográfico brasileiro. Mostrou, a partir de um levantamento de trabalhos realizados até aquela data, que a pesquisa no campo do ensino apresentou crescimento quantitativo e qualitativo no país. No entanto, ainda assim a História da Educação e o Ensino de História não teriam recebido a devida atenção ao longo do século XX. As pesquisas eram desenvolvidas na área da Educação, por profissionais envolvidos com a Didática e Prática de Ensino para a formação de professores. Ciampi (2007) afirmava que as questões do Ensino de História precisavam de um novo referencial teórico, o que abriria perspectivas para compreender o ensino e a aprendizagem histórica. Segundo a professora, raras pesquisas eram desenvolvidas nos departamentos de História e isso gerou um isolamento desses estudos, sem diálogo com o saber referencial (histórico), necessário para ampliar o amparo teórico e metodológico de quem ensina História nos diversos níveis. Por fim, a autora alertava que no campo do Ensino de História vinham se realizando investigações que buscavam esse respaldo teórico na ciência referencial; porém, essa intenção afastava os estudos da cultura escolar da sua especificidade. Para ela, era preciso ver o Ensino de História como lugar de fronteira, evidenciando os aspectos que deveriam ser observados nessas pesquisas: de ordem epistemológica, o conceito de saber escolar e o de saber docente.

Uma década após esse diagnóstico, durante a realização do XI Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História – ENPEH (2017), Sônia Miranda partiu das discussões acerca da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para mostrar os processos de disputa e legitimação no campo do ensino de História. Naquela ocasião, a autora afirmou que o ensino de História canônico não condiz mais com o país em que vivemos hoje, lançando a pergunta: o que significa ensinar História no Brasil? Ela aponta chaves de leitura para compreendermos o campo, as identidades e os pertencimentos que se interrelacionam nesse processo; há disputas do ensino de História no campo historiográfico e dentro do próprio campo do ensino, mas a escola e outros espaços não necessariamente se articulam a esses debates. Miranda (2019) lembra que o mais importante é não esquecermos que o conhecimento histórico é elemento essencial no pensamento e na educação das novas gerações; nessa dinâmica, pergunta: o que devemos ensinar? Que currículos construir? O que narrar? É possível escrever outras histórias? Muitos hoje opinam sobre o currículo e as mídias amplificam essa intromissão. Mas, apesar dessas outras opiniões externas, o embate e a busca por legitimação seguem no meio científico.

A autora usa duas referências para pensar essa construção do campo: Pierre Bourdieu, com a Teoria dos Campos, e Ivor Goodson, com o conceito de comunidade disciplinar. Ela emprega esses autores e conceitos para compreender a escritura da história escolar, tomando como referência os debates do campo e a mobilização dos sujeitos no interior desses espaços de enunciação e produção do conhecimento. As áreas como o campo do ensino de História constroem as regras de legitimação e pertencimento, num jogo que relaciona campo científico e campo social. O campo social faz imposições e solicitações, mas o meio científico mantém uma relativa independência. Quanto mais autônomo o campo, maior o seu poder de refração. A partir desses referenciais, Miranda questiona: como foi o poder de refração do campo do ensino na construção da BNCC? A autora considera que essa dinâmica revelou fragilidades. Goodson é referenciado no texto para tratar dos conteúdos escolarizados e da comunidade disciplinar aos quais a autora se refere; a cena escolar é compreendida como lugar de disputas que desenham a história da disciplina escolar. O autor referenciado pela professora nos faz pensar na dimensão coletiva do trabalho docente, o qual possui regras e um

conjunto de autoridades, em cujo processo esses sujeitos definem o que é aceitável pela comunidade. Porém, além desses saberes, políticas e práticas, temos que considerar os referenciais específicos da História (epistemologia própria), reconhecendo a força de pertencimento a uma comunidade disciplinar.

A partir disso, Miranda revisita os dados que apresentou em 2006 (mesmo contexto do estudo feito por Ciampi, em 2007): ela mapeia o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq para confrontar os dados nesses dois contextos, percebendo permanências nesta comunidade que luta para garantir a existência e o fortalecimento do ensino de História. Os pesquisadores que se definem como pertinentes ao campo, conforme os levantamentos realizados pela pesquisadora, atuam em duas áreas - História e Educação. Em 2005, havia 29 grupos na História e 68 na Educação; em 2016, eram 131 na História e 53 na Educação (crescimento na área de História), cujo movimento está associado à expansão das universidades (2005-2016), segundo ela constata. Nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste houve crescimento exponencial, destacando-se no cenário nacional as instituições públicas como lugares de produção (91%). Os grupos de pesquisa funcionam como locais de encontro e diálogo em que a maioria das pessoas constrói articulações longevas entre o campo e a pesquisa sobre ensino de História. A autora identifica formas de relação com o campo do ensino de História: direta (27%), indireta (58%), transversal (12%) e descontínua (3%).

Mauro Coelho e Taissa Bichara (2019) fazem outro estudo no mesmo período, apresentando os dados no mesmo evento (ENPEH 2017). Partem também da ideia de que há hierarquias, lugares e importâncias que circunscrevem o campo do ensino de História. Essas expressões podem ser buscadas em periódicos, conforme fazem os autores nesse levantamento. Eles identificam uma diversidade de temas, questões, discussões, correntes que definem o campo, percebendo que o compromisso com a educação básica o singulariza, pois essas investigações e publicações pretendem interferir nos sistemas educacionais; querem compreender e aperfeiçoar o lugar da história enquanto disciplina escolar. Também percebem, como Sônia Miranda, que há um diálogo com a área da Educação e da História. Usam o Diretório CNPq e identificam 378 grupos, analisando as suas características:

composição, localização, tempo de atuação, produção de área, temáticas e suportes de publicação, bem como a formação de quadros.

O primeiro grupo de pesquisa em ensino de História surgiu, segundo apontam Coelho e Bichara (2019), em 1986, na Unicamp, havendo desde então um grande crescimento quantitativo. Porém, as discussões sobre a História ensinada começaram antes, já na década de 1970. Em 2016 eram quase 400 grupos no país, dos quais mais de 60% estavam vinculados à área da Educação e pouco mais de 30% à da História. A formação dos pesquisadores que constam nesse levantamento é diversa: Antropologia, Geografia, Filosofia e outras, mas predominam os formados na área da Educação e da História. A maioria possui mestrado e doutorado, cujas dissertações e teses foram defendidas nos anos 1990 e 2000.

Chega-se a uma média de 217 artigos por ano no ensino de História, enquanto na década de 1970 era de 0,1. As palavras-chave mais presentes nessas produções são: aprendizagem, consciência histórica, currículo, Didática da História, Educação Histórica, Ensino de História, Formação de professores, História da Educação, Identidade, Livros Didáticos. Os temas mais recorrentes são: 1º) Ensino de História; 2º) Livro didático de História; 3º) Formação de professores. Os periódicos onde publicam estão classificados, em sua maioria, na área da Educação, sendo apenas 33% na História. Nos programas de pós-graduação em História, apenas 6% dos produtos encaminhados correspondem ao ensino.

Além disso, nos documentos da área da CAPES, a situação é a seguinte: em 2009 não se menciona o ensino; em 2013, o documento reconhece o campo, mas diz que é tema para a Educação; em 2017, reconhece e refere-se aos mestrados profissionais e às linhas de pesquisa que contemplam ensino de História nos programas acadêmicos, reconhecendo o caráter periférico do tema no âmbito das licenciaturas. Coelho e Bichara concluem, assim, que é fundamental o reconhecimento da inserção do campo do ensino de História nos PPGHs, para que a pesquisa possa contribuir com a melhoria do que se ensina e se aprende em História na Educação Básica.

Em 2022, o ENPEH foi realizado no formato híbrido (presencial e virtual), com sede na UFRPE. No período que precedeu o encontro, foi veiculado pelo

Canal do evento o PRÉ-ENPEH,¹ um ciclo de lives que apresentou uma atualização desse mapeamento sobre o campo de pesquisa em ensino de História no Brasil. No dia 11 de outubro de 2022, sob o título *A produção em Ensino de História na pós-graduação Acadêmica (Educação e História)*, a professora Helenice Aparecida Bastos Rocha (UERJ) apresentou dados correspondentes ao período de 2000 a 2015 (artigo publicado por Helenice Rocha e Ricardo Pacheco, em 2016). Nessa pesquisa exploratória, os autores queriam responder à pergunta: existe ou não a subárea do ensino de História? Eles buscaram identificar o surgimento e crescimento do termo nos PPGHs, utilizando para isso a Plataforma Sucupira. Nesse local, investigaram a ocorrência do termo ensino de História para atender aos objetivos propostos. Depois, entre 2017 e 2021, realizaram um novo estudo em bancos de teses e dissertações, cruzando com os dados de 2016. Perceberam que há um campo em expansão, materializado nos eventos da ABEH e no aparecimento do tema nos PPGs, por exemplo. A pesquisa apresentada pela professora constatou que as investigações em ensino de História podem ser agrupadas em “constelações” (histórias, memórias, metodologias, conteúdos curriculares). Nesses conjuntos, podem ser identificadas algumas recorrências temáticas: História da África e a Lei 10.639/2003, livro didático de História, BNCC, PIBID, gênero, museus, juventudes, história indígena, dentre outros.

No dia 18 de outubro de 2022, o PRÉ-ENPEH apresentou a live *A produção sobre o Ensino de História na pós-graduação profissional*, com as professoras Cristiani Bereta da Silva (UDESC), Luciana Rossato (UDESC) e Mônica Martins da Silva (UFSC). Elas destacaram os marcos legais da profissionalização em História, desde a criação da Plataforma Sucupira, em 1965. A partir de então, os cursos de pós-graduação vêm se ampliando, sendo que em 1995 e 1998 foram publicadas portarias da CAPES reconhecendo os mestrados profissionais e, no ano de 2011, inserindo os mestrados profissionais para a educação básica em escolas públicas; em 2017, os doutorados profissionais passam a ser aprovados. Nesse percurso, as resistências aos mestrados profissionais diminuíram, mas ainda persistem, revelando uma supervalorização da dimensão teórica em contraposição à prática.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@abehistoria>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Muitos desses mestrados profissionais se voltam para o ensino de História, apesar de não serem obrigados a isso. O programa em rede ProfHistória (Mestrado Profissional em Ensino de História) é uma exceção, pois foi criado necessariamente voltado para o ensino na Educação Básica. Por fim, as comunicadoras apresentam um levantamento de temas, objetos, produções, mas evidenciam que ainda estamos aprendendo o que significa o mestrado profissional. Destacam que é preciso detectar problemas e propor soluções possíveis.

Marcus Leonardo Bomfim Martins (UFJF) e Nadia Gaiofatto Gonçalves (UFPR) apresentaram a comunicação *Pesquisadores e Grupos de Pesquisa: quem são os pesquisadores/as, onde publicam e o que publicam?*, durante o PRÉ-ENPEH, no dia 26 de outubro de 2022. Gonçalves propôs pensar o campo a partir dos periódicos, além de outros elementos, para compreender as relações entre o ensino de História e a produção acadêmica desde os anos 1970 até 2020. A professora identificou que 10 revistas acumulam quase metade dos artigos sobre o tema, sendo que 2012 foi o ano em que as publicações ocorreram em maior quantidade. Além disso, algumas revistas tiveram relevância e depois pararam de publicar, enquanto outras circularam de forma esporádica e depois contínua. Em 2014, a Revista Brasileira de História (RHB/ANPUH) publicou o último artigo sobre ensino, no período da pesquisa realizada, talvez pela criação da Revista História Hoje (RHHJ/ANPUH), criada em 2013.

Gonçalves (2022) identifica, também neste mapeamento, os grupos de pesquisa que fazem menção ao ensino de História. Ela investiga a relação entre a criação destes grupos e do ProfHistória, através do cruzamento de dados (periódicos, grupos de pesquisa e ProfHistória). Percebe, assim, que nas regiões Sul e Sudeste estão situados os pólos de produção sobre ensino de História. A professora sugere que para futuras pesquisas seria pertinente investigar essas relações. Martins complementou a comunicação nesta mesa, analisando as produções das revistas História Hoje e História & Ensino (UEL), levando em conta o escopo, a articulação entre História, ensino de História e produção docente. Num levantamento feito entre 2018 e 2022, foram identificadas produções dos mais variados tipos – relatos, traduções, artigos, dentre outros. Novamente, como em mapeamentos anteriores, a pesquisa

identificou que 41% dos textos foram produzidos na Educação, 40% em História, 5% em Ensino de História (ProfHist) e 13% em outras áreas.

Partindo desses estudos, que integram um conjunto de vários outros não mencionados nesse texto, Caroline Pacievitch e Nadia Gonçalves (2021) analisam três elementos que se articulam na constituição do campo do ensino de História no Brasil: a ABEH, o evento *Perspectivas do Ensino de História* e o ENPEH, no período de 2015 a 2019, especificamente. Elas destacam também os PPGHs, a ANPUH e o GT Ensino de História e Educação nesse campo, além dos periódicos científicos. Lembram sobre a importância dos anos 1980 para a constituição do campo do ensino de História e para a expansão dos PPGHs, cuja afirmação se deu nos anos 1990. Segundo as autoras, a ABEH, o *Perspectivas* e o ENPEH se inserem nesse movimento, revelando tensões e disputas no campo.

Vários documentos registram esse percurso: anais de eventos, sítios eletrônicos e o estatuto da ABEH. Nesse processo houve muitos embates, como a inserção de professores da educação básica na ANPUH, por exemplo, o que gerou resistências dentro da associação. Eventos como o *Perspectivas* e o ENPEH não viam problema nessa aproximação entre História e Educação; assim, o *I Perspectivas* ocorreu em 1988, na USP; já o *Pesquisadores do Ensino de História* (que mais tarde passou a ser chamado de ENPEH) ocorreu pela primeira vez em 1993, na UFU. Mais tarde, esses encontros deram origem à ABEH, formalizada no ano de 2006 e oficializada em 2019.

Analisando os eventos de 2015 a 2019, as autoras mostram algumas características marcantes: predominância de pessoas brancas; maioria dos praticantes do sul e do sudeste; diversidade de temas nos grupos de reflexão; embates e disputas. Que outros espaços e ações são possíveis?, perguntam as autoras ao finalizarem a sua reflexão. Uma das respostas a essa provocação surgiu no ano de 2020, através de um projeto interinstitucional, coordenado pela ABEH, sob o título *Histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do ensino de História*. No próximo ponto, apresenta-se essa iniciativa e as possibilidades que se abrem para novas perspectivas sobre a formação e expansão do campo do ensino de História no Brasil.

Histórias de vida e memórias de pesquisadoras/es para além do campo científico

No ano de 2020, pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições se reuniram para dar início a um projeto em rede nacional intitulado *Histórias de Vidas e Memórias de Pesquisadoras/es do Campo do Ensino de História*. Esta pesquisa tem como objetivo coletar, organizar e consolidar um acervo em rede, aberto e interativo de histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do Ensino de História no Brasil. É um esforço da *Associação Brasileira de Pesquisadores em Ensino de História* (ABEH), em parceria com a Universidade da Região de Joinville, na figura da coordenação do projeto e na participação do Laboratório de História Oral (LHO), além de mais três laboratórios em universidades brasileiras e o Museu da Pessoa.

Utilizando-se da metodologia da História Oral, a pesquisa teve como período inicial os anos de 2020 a 2024, divididos em duas fases.² Na primeira, desenvolveram-se entrevistas com docentes de instituições de ensino que em sua trajetória profissional dedicaram-se à pesquisa, à orientação e à produção bibliográfica e didática voltadas ao campo do ensino de História, entre os anos 1980 e 1990; e, na segunda, estendendo-se até meados dos anos 2000. Espera-se, através dessa iniciativa, organizar uma coleção de histórias que serão salvaguardadas e compartilhadas pelo Museu da Pessoa e demais laboratórios envolvidos. Ao reconhecer a importância dos mecanismos que acionam sentidos (auto)biográficos, a narração oferece acesso à maneira como os profissionais da História se significam de forma singular, mas igualmente sobre os sentidos disponíveis acerca das identidades profissionais.

Através deste projeto, a ABEH se esforça para organizar as fontes de registros da sua história e, junto aos laboratórios, ao museu e aos/as pesquisadores/as envolvidos/as, repensa como conquistar democraticamente um mundo onde as histórias de pessoas comuns se tornem parte da História. Busca considerar as formas como as subjetividades dos profissionais da História se fazem nesse contexto contemporâneo, em um campo específico no interior da História e da Educação. Além disso, pretende compreender

² A presente pesquisa foi financiada pela FAPESC. A segunda fase da pesquisa iniciará em 2025, mas até o momento da escrita deste artigo não havia sido estabelecido o prazo final, considerando que o projeto se encontrava em fase de nova submissão.

como essas pessoas subjetivam os corpos nesse campo de pesquisa e como essas histórias de vidas podem compor parte da própria história do campo. Na perspectiva de assumir que a história possui múltiplas vozes e sem hierarquia, ou seja, cada voz é igualmente partícipe de uma teia social de onde subjetividades são construídas de forma rizomática, a pesquisa assume três frentes: (i) a escolha epistemológica da História Oral como opção política, entendendo que toda história é uma articulação narrativa de passagens da vida que ficaram marcadas; (ii) o compromisso com a proposta da memória em rede para que as histórias de vida possam ocupar uma dimensão múltipla, ou seja, entender a sociedade como uma grande teia onde cada um pode registrar sua visão; (iii) a escolha do recorte empírico como opção subjetiva em uma aposta de contar e ouvir as histórias de vida como partilha de uma experiência e possibilidade de narrar um presente e um campo de pesquisa.

Nesse sentido, é relevante destacar o que Alfredo Bosi (2003) teoriza sobre as relações entre a memória e oralidade. Ao autor evidencia a relatividade da memória, que envolve lembranças, mas também silêncios e esquecimentos. Além disso, Pierre Nora (1993) contribui para que não se confundam memória e história se opõem: enquanto uma é fluída e sensível ao momento, a outra busca coerência, análise crítica e legitimação científica. Como conciliar essas dimensões que se encontram quando nos dispusemos a ouvir narrativas de vida de homens e mulheres que constituíram o campo do ensino de História no Brasil? Essas e outras questões desafiadoras perpassam o presente trabalho, cujas respostas serão analisadas a partir de excertos dessas entrevistas.

Esses pressupostos nortearam as entrevistas desenvolvidas para esse projeto, que foram preparadas nos anos de 2020 e 2021, a partir da elaboração de um quadro das/os primeiras/os entrevistadas/os, com dados básicos relevantes, os quais foram importantes para a elaboração do roteiro semiestruturado. O quadro, no entanto, é constantemente revisto e alimentado. Em seguida, o grupo de pesquisadoras e pesquisadores dedicou-se à elaboração coletiva do roteiro. Por se tratar de uma pesquisa em parceria com o Museu da Pessoa, considerou-se importante seguir essa metodologia, acolhendo tal proposição como ponto de partida. A próxima etapa se deu através de encontros virtuais de formação entre as/os pesquisadoras/es, com o objetivo de fazer ajustes e adequações no uso dos métodos.

As entrevistas estão em fase de desenvolvimento; até 2022, foram realizadas onze, todas com a presença de no mínimo dois/duas pesquisadores, sendo que um assumiu a dianteira e outro ajudou no suporte técnico e nos complementos ao roteiro. No ano de 2024 foram realizadas mais seis entrevistas. Todas as etapas são gravadas em áudio e vídeo, no formato digital, e serão preservadas na íntegra, com exceção de quando houver solicitação de cortes pelo/a entrevistado/a. As entrevistas acontecem de forma remota ou presencial, com a mediação de ferramentas tecnológicas de comunicação, dependendo das condições das/os entrevistadas/os e entrevistadoras/es. Cada pesquisador/a realiza as entrevistas com autonomia, conforme a disponibilidade das/os entrevistadas/os e da logística disponível no seu laboratório ou grupo de pesquisa. As/os pesquisadoras/es entregam um modelo base com o roteiro semiestruturado para cada entrevistada/o, conforme informações prévias detalhadas no quadro anteriormente mencionado; porém, alguns aspectos do roteiro sofrem variações, com a finalidade de extrair dados qualificados das memórias do/a entrevistado/a.

O acervo está sendo elaborado a partir de processamentos e da construção de fontes secundárias ou complementares: todo o material é gravado e transcrito em uma versão texto, passando em seguida por leituras e ajustes com a participação dos/as entrevistados/as. Considerando a exposição da história de vida no Museu da Pessoa, é criada uma crônica para cada entrevistado, numa etapa posterior. Por fim, é feita a transferência de dados para a reserva técnica do Museu da Pessoa e demais laboratórios envolvidos na pesquisa, com registros de entrega e responsabilidade de guarda e preservação, concluindo com postagens das crônicas, fotos e *teasers*.

O projeto se articula com os mapeamentos realizados até o presente, buscando ampliar as percepções e compreensões acerca desse processo. A primeira etapa das entrevistas, que ocorreu ao longo do ano de 2022, incluiu onze professores e professoras entrevistadas/os – Maria Auxiliadora Schmidt, Marcos Silva, Joana Neves, Katia Abud, Circe Bittencourt, Marlene Cainelli, Luis Fernando Cerri, Silma do Carmo Nunes, Selva Guimarães, Ilmar Mattos e Edna Maria dos Santos. No ano de 2024, na segunda etapa da primeira fase do projeto, as entrevistadas foram Nadir Emma Helfer, Ana Maria Monteiro, Carmen Teresa Gabriel, Sonia Maria Wanderley, Sandra Regina de Oliveira e

Lana Mara Siman. As entrevistas foram realizadas em duplas, via plataforma Google Meet, exceto nos casos em que os/as entrevistados/as solicitaram que fosse de forma presencial. Nessa etapa, as entrevistas foram realizadas pelos/as seguintes pesquisadores/as: Cristiano Nicolini (UFG), Juliana Andrade (UFRPE), Raquel Alvarenga (UNIVILLE), Jaqueline Zarbato (UFMS e depois UFSC), Erinaldo Cavalcanti (UFPA), Maria Cristina Dantas Pina (UESB), Célia Santana (UNEB), Sônia Wanderley (UERJ), Gisele Nicolau (UERJ), Yomara Feitosa Caetano de Oliveira (UNIVILLE e depois UESPI) e Juliana Miranda da Silva (UNIVILLE). Neste texto analisamos apenas aquelas que já passaram pela fase de transcrição, com autorização prévia e divulgação.

Todas as pessoas entrevistadas atuaram, em sua trajetória profissional, na Educação Básica e posteriormente se inseriram na pesquisa em ensino de História. Como participaram da formação do campo, as suas referências teóricas partem de outras áreas da História ou da Educação. Essas trajetórias acabaram se direcionando para os programas de pós-graduação, somando experiências de ensino e também de atravessamentos históricos – infância e juventude nos anos 1960 e 1970, ditadura, redemocratização, dentre outros movimentos. A dimensão acadêmica, nesse caso, sempre manteve essa relação com a docência na Educação Básica. Algumas passagens das entrevistas registram *estórias de vida* e se tornam histórias de vida (Goodson, 2019). Ouvir as narrativas desses professores e dessas professoras possibilita visualizar modelos sensíveis de desenvolvimento profissional, compreendendo como impactam as vidas de aprendizagem.

As narrativas de vida são marcadas por passagens da infância em cidades pequenas e rurais (fazendas), perpassando a primeira escolarização em escolas pequenas e a migração para a cidade para dar continuidade aos estudos:

Eu vivia pelo cerrado, me reconhecendo por lá. O primeiro colégio em que eu estudei foi [...] construído pela Novacap... era uma casa de madeira [...] brinquei muito pelos montes de terra onde era construído o Congresso Nacional. Essa foi a experiência de ter vivido aquele momento. [...] me deu um matiz na minha personalidade, de não ter muita paciência com os patos de mediocridade. Gosto de ser empreendedora, nessa relação com o fazer, com o mudar, com o ir para a frente. Talvez a ideologia desenvolvimentista tenha me impregnado na minha infância (Schmidt; Nicolini; Pina, 2022, p. 3).

Meu contato com a vida sertaneja era mais indireto através dos meus pais, poucas vezes eu viajei, não para a região do meu pai, eu só conheci a região do meu pai depois de adulto, para a região da minha mãe poucas vezes, para mim era uma aventura, muito diferente, um estilo de vida diferente, claro estou falando disso há muito tempo. Na década de cinquenta, portanto o Rio Grande do Norte era bem diferente de hoje, as cidades bem menores, a rede escolar muito menor, no interior não tenho então... a vida bem mais tranquila, mais animais, é... população bem menor (Silva; Venera, 2022, p. 3).

A cidade que eu nasci era uma fazenda, que era chamada fazenda do Veludo, Veludo era, é... não sei. Era alguma coisa ligada ao dono da fazenda, e meu registro é de Sertãozinho, que era a cidade mais próxima, onde meu pai me registrou. Sertãozinho, no interior de São Paulo (Neves; Andrade; Silva, 2022, p. 2).

Quando narram sobre a juventude, destacam as experiências de militância, a vigilância e o controle que sofreram principalmente nos anos da ditadura, muitas sob o olhar de famílias conservadoras. Alguns falam sobre traumas, perdas de pessoas queridas, mudanças e escassez de recursos. Uma das entrevistadas, ao mencionar a vida escolar, destaca: “A escola funciona até hoje. Era muito rígida... duas eram professoras leigas e as outras tinham o curso Normal. Eram escolas da melhor qualidade. Mas eram bastante rigorosas. Incentivavam o mérito” (Selva Guimarães, março de 2022). Quanto ao trabalho na educação básica e à formação inicial, as entrevistadas evidenciam alguns enfrentamentos:

Trabalhava em dois ou três colégios [...] aqui não tinha mestrado, doutorado, somente especialização. Tinha módulos de ensino de História com Marcos Silva. Não havia ninguém nesta região, de Uberlândia, que discutisse esse tema. Fui me interessando pelo campo da Educação, pois no campo da História não via essa possibilidade. [...] Quando fazia mestrado, havia uma dificuldade imensa de [obter] bibliografias. Havia o pessoal da Educação que me ajudava muito. [...] Descobri algumas publicações e fiz minha dissertação. No doutorado foi mais simples pois já havia publicações [sobre ensino de História] (Nunes; Andrade; Silva; Nicolini, 2022, p. 12).

Minha história não tem muitas aventuras. O destino era esse: você ia para onde tinha emprego. [...] Por aqui não sabíamos nada sobre ditadura. Não sabia o que acontecia. [...] A professora de didática marcou muito... todos assumiram o magistério... éramos todos professores. Fundamos o Laboratório Pedagógico de História (Guimarães; Andrade; Venera, 2022, s.p.).

[...] a minha relação com a Educação Básica me definiu profissionalmente. Agora, porque eu tive o espetacular privilégio de ser professora no sistema de ensino vocacional. Eu diria que toda

pedagogia com a qual eu me relacionei, todas as questões de ensino que eu tive a oportunidade de discutir e elaborar, têm a ver com meu trabalho vocacional, que era um trabalho feito na Educação Básica. Eu trabalhei no vocacional por cinco anos, dois anos no ginásio educacional em Barretos. Naquele tempo que a estrutura educacional era primária, ginásio e colegial. E, eu trabalhei em um ginásio em Barretos uns dois anos, e depois uns três anos no colegial. Eu fui uma das professoras que iniciou o segundo ciclo vocacional. E, eu diria assim, toda a história da minha relação com o ensino tem a ver com esse trabalho vocacional. Porque o vocacional, eu acho, foi o sistema mais completo e significativo de ensino nesse país (Neves; Andrade; Silva, 2022, p. 20).

Como afirma Goodson (2019), as narrativas de vida assumiram lugar de destaque na contemporaneidade. Quando antes predominavam as grandes narrativas, nas últimas décadas a tendência é que as trajetórias e experiências individuais se sobressaíam, mas isso não significa que elas estejam desconectadas da cultura histórica. Por isso, é preciso pensar em formas de registrar as narrativas dessas pessoas que participaram da construção do campo do ensino de História no Brasil, articulando as suas memórias ao processo histórico.

Ao narrarem as histórias de vidas, memória e história se encontram para dar sentido aos percursos que levaram essas pessoas ao lugar de referência no campo do Ensino de História no Brasil. Essa condição não significa que as demais pessoas que atuaram e atuam nas escolas brasileiras assumindo o importante papel de ensinar História para estudantes da educação básica sejam menos importantes. O projeto busca dar conta justamente de trajetórias que se fizeram no diálogo constante com professoras e professores cuja atuação também se deu, em grande medida, norteadas pelas pesquisas desenvolvidas nas universidades. Esse é um outro ponto de encontro entre História e Educação: pesquisas em ensino de História só foram possíveis porque entenderam a necessidade dessa articulação.

Beatriz Sarlo (2007) defende que a “[...] narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer [...], mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (p. 24). Dialogando com essa compreensão, Alessandro Portelli (1996, p. 63), destaca que

[...] os textos - tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista - são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações

de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo). Por isso é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práticas objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista, ainda que, dependendo das gramáticas, possam ser reconstruídas apenas parcialmente.

Foi nessa perspectiva que essas pessoas entrevistadas atuaram, principalmente a partir da década de 1980. Alguns excertos a seguir evidenciam essa relação entre pesquisa e ensino na educação básica que marcam as narrativas das entrevistadas e dos entrevistados:

[...] esses professores faziam cursos, muitos aprendiam a ler, não sabiam nem ler direito, em qualquer área, e levavam o material que era produzido por eles, com a nossa orientação, para os lugares onde eles davam aula. Se vocês ainda pegarem para entrevistar esses resíduos de professores, que na época foram coordenadores de CIEP, e que passaram por esse processo. Vocês vão ver a diferença dos professores que hoje estão em sala de aula, a consciência crítica, o conhecimento, o interesse em pesquisa (Santos; Wanderley; Nicolau, 2022, p. 22).

[...] quando eu entrei no curso de História eu sabia que havia pesquisa em História, eu sabia que uma possibilidade profissional em História era a pesquisa, mas eu sempre achei muito legal ensinar História. Então, eu sempre gostei muito. Eu percebi entre os meus colegas, que muitos deles viam com preconceito ensinar, achavam que ensinar uma coisa pior, inferior etc. e tal. Então, a profissão ideal para os meus colegas, ainda mais os com melhores resultados no curso universitário, eram para a pesquisa, eles queriam ser pesquisadores. Não tem nada de errado em ser pesquisador, mas eu quis ser professor, achava legal (Silva; Venera, 2022, p. 9).

Rafael Aides, ele tinha sido não sei o que lá da aeronáutica [...] e tinha liderado um movimento do petróleo é nosso porque ele era do partido comunista, e ele foi colocado na reserva, então ele resolve abrir uma escola aqui em Curitiba, ele abriu uma escola e uma escola lá no meio rural, na parte inferior, onde hoje é o shopping Barigui, que não tinha nada, e era uma escola tipo Summerhill, sabe a escola Summerhill, tudo livre, não tinha regra, não tinha fila, não tinha nada. Foi uma coisa assim, e aí eles foram na universidade buscar um professor de história. [...] Aí eu fui, e foi bem bacana aquela experiência [...]. Era uma escola de quinta a oitava, ele ia lá na fábrica aqui de Campo Largo, comprava aquelas louças de refugio, e a gente ia lá com as crianças quebrar as louças na parede “Pah, pah, pah.” Umas coisas assim doidas. Mas é, eu me apaixonei pela escola, eu falei “Nossa, a escola é uma coisa muito legal.” E ele deixava ensinar (Schmidt; Nicolini; Pina, 2022, p. 10).

As histórias e memórias acionadas pelas entrevistas, no entanto, não se limitam ao passado. Dialogam inevitavelmente com o tempo presente, no qual esses sujeitos vivem e a partir do qual ressignificam muitas das

passagens narradas. As pessoas entrevistadas assinalam algumas angústias frente ao que vivemos nesse tempo de reformas educacionais perversas e de ataques ao campo historiográfico, especificamente:

Agora, e ainda mais, que é uma outra luta política, complexa, que nós temos que assumir. Esse ensino e essa educação, nas mãos de empresários, não dá. Aí é uma luta política violenta. A hora que a educação virou mercadoria do jeito que está, cabe a nós, aí não é isolado professor de história, [...] nós temos que nos engajar também, dentro dos sindicatos, e da luta com outras associações, etc e tal, para a educação sair da mão dos empresários. Desde quando currículo tem que ser produzido por empresário? Eu sei que é uma luta muito complicada, é uma luta do neoliberalismo. Mas nós temos que brecar isso daí (Bittencourt; Andrade; Wanderley; Cavalcanti; Nicolau, 2022, p. 84).

[...] essas mudanças curriculares, inicialmente, elas se deram em contextos estaduais, ainda nos anos... Início dos anos noventa, depois na gestão, no governo FHC, na gestão do ministro Paulo Renato, nós tivemos dois movimentos que eu considero importantíssimos para a mudança, para melhorar o ensino de História, que foram, que foi a elaboração do Currículo Nacional, os PCNs, e análise do livro didático. Os PCNs, por quê? Eles, eu tenho muitas críticas. Não tantas quanto a BNCC, que essa é muito pior. Mas isso gerou, de certo modo, obrigou o professor a repensar o que é que ele, de fato, iria ensinar. E, de certo modo, rompeu com aquela linearidade de conteúdos que eram colocados para que o professor pudesse ensinar em cada ano escolar (Nunes; Andrade; Silva; Nicolini, 2022, p. 38).

Da mesma forma, projetam futuros possíveis em contextos de ataques ao que parecia consolidado, como o direito ao acesso à Educação e ao conhecimento histórico situado epistemologicamente:

Para mim, a história tem que servir para ajudar a comunidade, para fazer a sociedade crescer, para fazer a sociedade não passar fome, para fazer a sociedade ter acesso à escola. Isto é real ou é virtual? Volto à questão. Isso é uma coisa que eu gostaria de ter tempo de discutir mais, porque quem fez história, o tempo inteiro, tinha essa questão agora: para que serve a história. A história positivista para você guardar memórias antigas, fotos das grandes lideranças em todos os sentidos. Mas isso, para mim, não é história. Quer dizer, a história, antes de mais nada, ela não pode servir para fazer a guerra (Santos; Wanderley; Nicolau, 2022, p. 34).

Eu acho que chuva, trovoadas, tempestade não afetou a qualidade e vontade desses alunos. Então, eu sou otimista de que muito se fez para destruir, isso gera uma reação contrária que é até mais forte, que esse esforço de destruição, e acho que assim a gente tem esse processo de avanço. Eu estimo que não foi afetado pelos retrocessos políticos, política educacional, de destruição das políticas públicas do PNLD de

legislação e etc., eu acho que o nosso povo segurou firme aí no chão, e está aguentando essa tempestade passar. Eu tenho uma avaliação positiva assim, dessa trajetória toda (Cerri; Andrade; Nicolini, 2022, p. 46).

A realidade na qual História e Educação se inserem no tempo presente é marcada por esse movimento de recrudescimento do conservadorismo frente a tantas mudanças que vinham ocorrendo nas últimas décadas. Segundo constata Frigotto (2019, p. 17):

Retrocedemos ao início da constituição da ciência moderna e da universidade do agnosticismo, para o qual a realidade é tão complexa que é inútil tentar compreendê-la, ou do relativismo absoluto, para o qual a verdade é o que é para cada um. Mas, o que se denomina pós-verdade é pior, pois é a construção de mentiras para favorecer determinados grupos na disputa por poder. O clima que se está construindo no Brasil é de anticiência. Houve uma pesquisa que demonstrou que um terço da população brasileira não acredita na ciência. Não acreditam naquilo que vocês estão pesquisando para os trabalhos de final de curso, as monografias, as dissertações, as teses, as pesquisas dos colegas etc.

Nesse sentido, retomar as trajetórias de pessoas que atuaram na formação e fortalecimento do campo do ensino de História no Brasil representa um importante movimento de resistência a esses ataques à ciência e à Educação. Registram-se, a partir das vozes dessas professoras e professores, os percursos que foram fundamentais para as conquistas situadas no encontro entre a História e a Educação. A História ensinada nas escolas foi e permanece como uma fronteira potencializadora de outras narrativas, que desafiam a academia a pensar nos sentidos do conhecimento histórico para além dos ambientes convencionalmente reconhecidos como centros de pesquisa.

Da mesma forma que os mapeamentos realizados entre 2007 e 2022 e mencionados neste texto revelam percursos de pesquisa dessas pessoas envolvidas com o ensino e a pesquisa em ensino de História no Brasil, evidenciando grupos, redes ou constelações de profissionais que se formaram em diferentes lugares e temporalidades, é fundamental compreender quem são essas pessoas que assinam as produções resultantes desses esforços. Não se trata de histórias meramente profissionais. As narrativas coletadas nas entrevistas mostram que esses processos são resultados de escolhas, de influências marcadas por experiências de vidas singulares e que, ao se

encontrarem na fronteira entre História e Educação, motivaram a luta pela valorização de um campo em formação. Por isso, o projeto *Histórias e Memórias...*, coordenado pela ABEH em parceria com outras instituições, assume uma importância evidente na luta pelos espaços em que historiadores/as-docentes possam fortalecer as suas ações e intenções na direção de outras histórias possíveis.

Quando o grupo se reuniu pela primeira vez, no ano de 2020, em plena pandemia de Covid 19, a pergunta que surgiu foi sobre o sentido de se empreender uma investigação sobre a formação do campo de ensino de História, considerando que outros já haviam investido esforços nessa direção, com diferentes recortes, fundamentos e metodologias. Qual seria, enfim, o diferencial dessa pesquisa que então se iniciava? Foi justamente nessa perspectiva das histórias de vida que a resposta se tornou clara: todos os mapeamentos acabavam evidenciando as produções, e não as pessoas que atuaram para que elas existissem. Havia, sim, alguns movimentos para realizar entrevistas com algumas dessas pessoas, mas sempre ficando em poucos e nos mesmos profissionais, ou seja, aqueles que eram mais referenciados quando se tratava de pensar o campo. O grupo investiu, portanto, num refinamento dessas buscas de nomes que, ainda que não tão reconhecidos, deveriam integrar o mosaico de pensadoras e pensadores que, de alguma forma, atuaram em defesa do ensino de História. Por onde andavam? Que percursos fizeram até chegarem ao campo e como a sua atuação foi compreendida na sua própria percepção? Como história e memória se entrelaçam nessas quase cinco décadas de lutas e que subjetividades atravessam esse processo? No ano de 2022, quando o país e o mundo já caminhavam para o final da pandemia, as primeiras entrevistas puderam, finalmente, ser realizadas. Começou um trabalho minucioso de escuta, registro e transcrição, cujos resultados começam a ser publicados no ano de 2024, durante o XIV ENPEH, na Univille, Santa Catarina. A partir desse momento, as histórias de vidas que até então foram ouvidas pelo grupo de pesquisadores, passaram a ser compartilhadas com todas as pessoas que, de alguma forma, se sentem parte dessa narrativa.

Considerações finais

Quais são os horizontes e desafios para a pesquisa e para o ensino de História? Como o campo deve dialogar com os diferentes profissionais que atuam no ensino de História, considerando os variados níveis e modalidades? Qual a identidade dos antigos e novos profissionais que as instituições vêm formando? Essas questões conversam diretamente com os mapeamentos que vêm sendo elaborados, desde o começo do século XXI, sobre a constituição e a expansão do campo do ensino de História no Brasil. Porém, é preciso que as investigações contemplem outras perspectivas e dimensões que os registros em forma de produção científica possibilitam.

O projeto que a ABEH vem coordenando desde o ano de 2020, envolvendo pesquisadores e pesquisadoras das cinco regiões brasileiras, representa um importante passo na ampliação dos olhares sobre o campo. As entrevistas com essas pessoas que, desde os anos 1980, dedicam as suas pesquisas à qualificação da História ensinada na educação básica e no ensino superior, revelam que as suas trajetórias de vida são indissociáveis desse processo. Não há como entender a constituição do campo sem que essas diferentes vozes sejam ouvidas. As entrevistas, planejadas nos anos de 2020 e 2021 e desenvolvidas a contar de 2022, estão contribuindo para a construção de um acervo em rede com narrativas, histórias e memórias de pessoas que enfrentaram resistências, problematizaram conceitos e abordagens e abriram possibilidades de pensar a História em diálogo com a Educação.

No entanto, todas essas realizações só foram possíveis porque viveram experiências em sua infância, juventude e maturidade. Hoje, além de servirem como referências para pesquisadores e pesquisadoras que atuam no campo do ensino, esses profissionais colaboram para a construção de um acervo cujos registros poderão ser utilizados em pesquisas no presente e no futuro. Suas narrativas podem, enfim, ajudar a pensar na ciência para além dos cânones, contemplando subjetividades que a História Oral permite acessar.

Pensar a formação dos campos de investigação no Brasil é uma tarefa importante em tempos de redirecionamento das funções da universidade e da escola nesse cenário de ataques à docência e ao papel das instituições educacionais na formação dos sujeitos. Compreender os processos, embates e conquistas vivenciados pelas pessoas que ensinaram e pesquisaram sobre

o ensino de História não se trata apenas de mapear e destacar nomes e centros de referência nesse percurso. É fundamental transpor tais levantamentos e reconhecer as histórias de vida e as memórias de mulheres e homens que, apesar das limitações de seu tempo, conseguiram organizar grupos, eventos, publicações e ações que não se conformaram em enxergar a universidade como uma “torre de marfim” distanciada do mundo. Nesse sentido, as trajetórias narradas nas entrevistas do projeto coordenado pela ABEH vêm mostrando que o movimento do campo do ensino foi sempre marcado pelo “desencastelamento” do conhecimento histórico, até porque essas pessoas vieram em sua totalidade de carreiras que iniciaram na educação básica.

O presente texto pretendeu evidenciar essa diferenciação, para que novas perguntas e novos mapeamentos permitam pensar sobre o próprio campo, delimitando fronteiras sem perder de vista o horizonte de possibilidades. A História enquanto ciência se torna mais próxima do público quando pensada em sua interface com a Educação: essa indissociabilidade fortalece o sentido da formação docente e justifica a necessidade de investimentos nos cursos de Licenciatura, resistindo aos discursos negacionistas e anticiência que deslegitimam a importância e a função da universidade na formação humana. Nas entrevistas, palavras como as da professora Silma do Carmo Nunes motivam trabalhos nesse sentido: “[...] eu me alegro muito de saber que tem gente, e que tem pesquisadores aí caminhando neste campo, e fazendo alguma coisa tão importante para a pesquisa brasileira, e para a pesquisa educacional” (Nunes; Andrade; Silva; Nicolini, 2022, p. 42). São pessoas que, ao cederem seu tempo para os entrevistadores, reconhecem a importância da continuidade deste trabalho, ainda que o tempo e as mudanças tenham transformado as carências de orientação e as estratégias necessárias para que o ensino de História, em diálogo com o campo da Educação, persista promovendo uma vida mais digna e justa para crianças, jovens e adultos que aprendem a pensar historicamente, seja em ambientes escolares, universitários ou em outros espaços em que esse processo se desdobra.

Referências

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2 ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

CIAMPI, H. Produção acadêmica e ensino de história. *In*: HEINZ, F. M.; HARRES, M. M. (Orgs.). **A História e seus territórios**. Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH. São Leopoldo: Oikos, 2007, p. 187-203.

COELHO, M.; BICHARA, T. Ensino de História: uma incursão pelo campo. *In*: **Cartografias da pesquisa em ensino de história**. RALEJO, A.; MONTEIRO, A. M. (orgs.). 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019, p. 63-83.

FRIGOTTO, G. O ataque à educação pública e à democracia pelas contrarreformas e o fundamentalismo. Aula magna proferida no curso de Pedagogia - Niterói, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em agosto de 2019. **RevistAleph**, n. 33, p. 13-32, 20 dez. 2019.

GONÇALVES, N. G.; PACIEVITCH, C. Contribuições para a constituição do campo Ensino de História no Brasil: perspectivas, pesquisadores e ABEH. *In*: ZARBATO, J. A. M.; RODRIGUES JUNIOR, O. (orgs.). **Guerras de narrativas em tempos de crise**: ensino de história, identidades e agenda democrática. Cáceres: Unemat Editora, 2021, p. 47-64.

GOODSON, I. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

MIRANDA, S. R. A Pesquisa em Ensino de História no Brasil: potência e vicissitudes de uma comunidade disciplinar. *In*: **Cartografias da pesquisa em ensino de história**. RALEJO, A.; MONTEIRO, A. M. (orgs.). 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019, p. 85-112.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 23-89.

Entrevistas

BITTENCOURT, C. M. F. Entrevista por Juliana Alves de Andrade, Sônia Wanderley, Erinaldo Cavalcanti e Giselle Pereira Nicolau. 20 de abril e 23 de junho de 2022. Acervo da ABEH.

CERRI, L. F. Entrevista por Juliana Alves de Andrade e Cristiano Nicolini. 29 de março e 5 de abril de 2022. Acervo da ABEH.

GUIMARÃES, S. Entrevista por Juliana Andrade e Raquel Alvarenga Sena Venera. 1º e 2 de junho de 2022. Acervo da ABEH.

NEVES, J. Entrevista por Juliana Andrade e Célia Santana Silva. 9 de maio de 2022. Acervo da ABEH.

NUNES, S. do C. Entrevista por Juliana Alves de Andrade, Célia Santana Silva e Cristiano Nicolini. 25 de maio e 10 de agosto de 2022. Acervo da ABEH.

SANTOS, E. M. dos. Entrevista por Sônia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley e Gisele Pereira Nicolau. 6 de maio de 2022. Acervo da ABEH.

SCHMIDT, M. A. M. dos S. Entrevista por Cristiano Nicolini e Maria Cristina Dantas Pina. 20 e 27 de maio de 2022. Acervo da ABEH.

SILVA, M. A. Entrevista por Raquel Alvarenga Sena Venera. 7 de julho de 2022. Acervo da ABEH.

Sites

Museu da Pessoa. Site desenvolvido e mantido pelo Museu da Pessoa. Disponível em: <https://museudapessoa.org/colecao/-associa-o-brasileira-de-ensino-de-hist-ria-abeh-/>. Acesso em: jan-mar. 2025.

ABEH Associação Brasileira de Ensino de História. Canal do Youtube criado e mantido pela ABEH. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkZC0sQIDJXQRCSGDDuMukg>. Acesso em: jan-mar. 2025.